

Livro polémico causa perturbações na Imprensa

O Prof. Vitorino Nemésio demitiu-se de Director de "O DIA"

• Assume interinamente a direcção do nosso jornal o subdirector Carlos Pina

O director-adjunto de "O Século" foi demitido pela administração e o director e a Redacção solidarizaram-se com Manuel Magro

Mais tarde a administração reconsiderou e confirmou Manuel Magro no seu cargo

artigo do subdirector, o nosso camarada Carlos Pina, O JORNALISTA PERANTE O HOMEM DE LETRAS, inserto no mesmo número com o apenso A ATITUDE DA REDACÇÃO.

Entreguei ontem o meu editorial, na Redacção, ao único membro presente da chefia respectiva, a quem, por deferência pessoal, o dei a ler antes de determinar a sua publicação. Do artigo do subdirector Carlos Pina e do apenso, A ATITUDE DA REDACÇÃO, não me foi dado conhecimento anteriormente ao acto de publicação, infringindo-se assim pelo menos, a lei de Imprensa quando diz que compete ao director "determinar o con-

Continua na pág. 24

Sementeira de explosivos no túnel do Rossio



As cargas explosivas encontradas no túnel do Rossio

(Pág. 23)

Holden Roberto em Bruxelas:

O nosso objectivo em Angola é obter eleições livres

A FNLA domina em Angola uma zona maior do que a França

Os soldados cubanos chegam agora vestidos à civil, para desviar a atenção dos observadores ocidentais

(Pág. 24)



"Os nossos clientes são elementos do povo que aqui depositam as suas parcas economias"

A greve da indústria de calçado

Violência e desacatos em S. João da Madeira

• A maior parte dos operários apresentou-se ao trabalho mas foi impedida de entrar nas fábricas por alguns camaradas

(Pág. 24)

Quem desestabiliza?

O PREC (Processo Revolucionário em Curso) ou, como agora dizem, o PRAEC (Processo Revolucionário Ainda em Curso), caracterizou-se (ou caracterizar-se), entre outras coisas, pela fertilidade linguística. De entre os "palavrões" lançados no mercado dos termos e das ideias, o verbo "destabilizar" e o nome "desestabilização" não serão, certamente, dos menos usados pelo vocabulário político lusitano.

É ver o número daqueles que, nos jornais e nos

por Adelino Amaro da Costa

conversas, se preocupam muito mais em detectar a existência ou inexistência de sinais "desestabilizadores" na cena político-militar; é comparar esse número com os dos que se interessam, sobretudo, pelo encontro das respostas positivas para os graves problemas nacionais — e teremos de concluir que é mais numeroso o grupo daqueles que se empenham na "análise" política do que o daqueles que se norteiam pela procura do progresso e das "saídas" para a crise. Mais: em tudo isso, certos sectores da esquerda denotam uma tal atitude conservadora que até chega ao ponto de, por vezes, revelarem uma certa neurose policial.

Leio dois números, da semana passada, de jornais pouco conhecidos e afectos à esquerda ou à extrema esquerda. E fico impressionado com o volume de "informações" militares de que se fazem eco. Falam da "instabilidade política e militar", revelam que há "reivindicações justas aproveitadas pela direita militar", informam que Piçes Veloso está "mais isolado",

Continua na pág. 24



Um aspecto das instalações da agência da C.G.D.

Indignação na Nazaré

Assalto a uma dependência da Caixa Geral de Depósitos por três homens e uma mulher armados de pistolas metralhadoras

Os assaltantes levaram cerca de seis mil contos do cofre forte daquele estabelecimento bancário

(Pág. 23)

O nosso objectivo

Definir um jornal é tarefa cada dia mais difícil. Definir precipitadamente o jornal que se dirigiu será, no mínimo, um erro grave.

Talvez por isso tanto nos tenham chocado as declarações prestadas, ontem, à ANOP, pelo sr. prof. Vitorino Nemésio.

Nesta hora, uma realidade terá de ficar bem explícita para os nossos leitores: este jornal nasceu para defender a Democracia. Conseguir esse estado tem sido tarefa árdua quando, na situação política e social que diariamente testemunhamos, tantos interesses se enfiaram e tantos alçapões se nos abrem.

Alguns erros teremos cometido e, certamente, mais alguns iremos cometer.

Um ponto, no entanto, queremos, hoje, deixar bem assente: o nosso objectivo continua o mesmo.

Se, ao participarmos activamente como até agora na consolidação da Democracia, tivemos algumas vezes de fazer opções irreversíveis, fizemo-lo exclusivamente, em torno do único interesse que consideramos verdadeiramente nacional, já que a esmagadora maioria dos portugueses assim o entendeu, elegendo-o presidente da República.

Se apoiar assim o garante da Democracia em Portugal e deixar de lado quaisquer outros objectivos é ser de direita, ou *direitista*, teremos de dar razão ao sr. prof. Vitorino Nemésio.

Vai permitir-nos, no entanto, o nosso ex-director que tenhamos opinião contrária.

Carlos Pina

Perturbações na Imprensa

Continuação da pág. 1

teúdo do jornal". Tão pouco fui notificado da reunião do Conselho de Redacção, a que legalmente presido, e portanto fui posto diante do facto consumado, impresso, da exposição do referido Conselho "sobre a publicação" do meu referido editorial e das resoluções subsequentes, respeitantes a ética profissional aplicável de futuro ao referido periódico, com invocação do respeito pela lei de Imprensa, mas em tom peremptório e com presumida competência legal que o referido diploma me não parece conferir ao dito Conselho de Redacção, cujas funções são meramente consultivas até que a promessa de ampliar as suas atribuições, feita na mesma lei, tenha cumprimento legislativo.

Por tudo isto, e pelos diferendos que há tempos ocorrem entre Direcção, sempre compreensivamente apoiada por V. Ex.^a, e a Redacção, até agora sensivelmente cordata e correcta, mas que no conflito acima resumido toma a atitude que se pode ler no seu comunicado de hoje, reitero o pedido de exoneração supra, desejando que a partir de amanhã, 26 de Outubro, inclusive, o meu nome deixe de figurar como director de O DIA.

Com os protestos de consideração que o pessoal de O DIA geralmente me merece e da maior estima e fraterna amizade para com V. Ex.^a, cujas altas qualidades de empreendimento, dedicação e carácter me não cansarei de admirar, faço votos para que o ingente esforço por V. Ex.^a feito para a criação de um órgão de informação independente e fiel à verdade acabe por ter o êxito que merece.

Nesta data, conforme a lei, comunico à Secretaria de Estado da Informação a resolução tomada.

Os meus afectuosos e gratos cumprimentos."

NOTA DO CONSELHO DE GERÊNCIA

O Conselho de Gerência de Rigor, em resposta, tornou pública a seguinte nota:

"Se a atitude do Prof. Vitorino Nemésio, expressa nesta carta, pudesse interpretar-se como um pedido, susceptível de deferimento ou de indeferimento, não hesitaríamos em o indeferir. Até porque a posição do Conselho de Redacção do jornal, no caso "sub iudice", por certo não quis significar, no nosso

entendimento, um voto de menos confiança no seu director.

A verdade é que o Prof. Vitorino Nemésio não pediu a sua exoneração. Apresentou-a ontem, a meio da manhã, com o desejo expresso de que a partir de hoje, dia 26, o seu nome deixe de figurar como director de "O Dia".

Posto perante o facto consumado, este Conselho de Gerência mais não pode do que expressar a sua profunda mágoa por o ver sair do cabeçalho do Jornal.

Enquanto o Conselho de Gerência não designar novo director, nos termos do art.º 18.º, 2. da Lei de Imprensa, assegurará as respectivas funções o jornalista Carlos Pina, actual subdirector."

NEMÉSIO À ANOP

"É facto que comecei a discordar com a linha política que o jornal foi tomando, sobretudo com a maneira sensacionalista e pouco escrupulosa como os assuntos foram tratados, fornecendo ao jornal uma imagem direitista que não estava na intenção da Direcção" — declarou ontem, à agência noticiosa ANOP, o prof. dr. Vitorino Nemésio, que durante dez meses foi director do matutino "O DIA".

Reportando-se à notícia sobre a obra de Henrique Cerqueira, "Acuso", que "O DIA" havia publicado na sua edição do passado dia 23, afirmou ainda o prof. dr. Vitorino Nemésio: "O jornal apresentou o autor do livro como se fosse uma pessoa digna de crédito, e eu não podia deixar de discordar do subdirector, Carlos Pina, que foi quem tomou a iniciativa de dar relevo ao lançamento, e que se procura justificar no artigo que hoje publico".

Mais adiante, o prof. dr. Vitorino Nemésio diria que o Conselho da Redacção funcionaria sem que lhe tivesse sido feita qualquer comunicação nesse sentido: "Fui colocado perante factos consumados".

E acrescentaria: "Fizeram tudo à revelia, sem me notificar — o que é ilegal".

Finalmente, o prof. dr. Vitorino Nemésio referir-se-ia à situação económica de "O DIA", salientando que o jornal sobrevive "a balões de oxigénio" e elogiou a capacidade administrativa do eng. Brás de Oliveira.

TEMPESTADE EM "O SÉCULO": — O MESMO MOTIVO

"Aprende-se a nadar nadando. Aprende-se a Liber-

dade praticando a Liberdade. E, do mesmo modo que não se aprende a nadar em seco, não se queira que a Imprensa aprenda a ser livre praticando o silêncio. O silêncio não é a vocação da Imprensa. E já basta de mordacura" — afirmou o secretário de Estado da Comunicação Social, Manuel Alegre, no decurso da alocução que proferiu na cerimónia de posse da comissão interministerial para a reestruturação da Imprensa estabelecida.

"Tão pouco se pretenda — prosseguiu Manuel Alegre — que a Imprensa aprenda a Democracia praticando um situacionismo às avessas. Basta de situacionismo. Queremos uma Imprensa de pé e não de cócoras. Deixem-na, portanto, especular, deixem-na a falar. Deixem-na ser livre. Só assim se tornará adulta, só assim aprenderá a responsabilidade de ser livre, não se transfira para a Imprensa uma culpa que lhe não cabe — a culpa de a nossa evolução política não se fazer em linha recta.

Não se pretenda que a Imprensa seja clara quando as situações são muitas vezes obscuras. Não se acusa a Imprensa de especular, quando a especulação nasce precisamente da nebulosidade de factos e situações. Deixemos a Marcelo Caetano o medo dos excessos da Liberdade. Nós, que somos de democratas, preferimos os excessos da Liberdade aos rigores da ditadura".

Quatro dias depois de ter dito estas palavras, e dois dias depois de Mário Soares ter proclamado o seu espanto por um jornal estatizado como "O Século" ter dado guarda a uma notícia sobre o livro de Henrique Cerqueira "Acuso", de que saem maltratadas diversas figuras políticas actualmente em destaque, a administração daquele periódico demitia o director-adjunto, Manuel Magro, como responsável pela publicação de tal notícia. O facto é tanto mais insólito quanto é verdade não haver na lei algo que, de longe ou de perto, possa justificar semelhante decisão.

E mais insólito ainda dado que mais dois jornais estatizados se referiram à publicação do livro sem que tenha havido lugar a qualquer procedimento.

Considerando o facto — e

muito bem — um grave atentado à liberdade de Informação e uma ostensiva ingerência do poder político no direito de os jornalistas informarem os seus leitores imediatamente se solidarizaram com Manuel Magro o director, João Gaspar Simões, e toda a Redacção, que tornaram clara a determinação de não deixar sair o jornal desde que não continuasse a ter no cabeçalho o nome de Manuel Magro.

Perante a "catástrofe" potencial, o dr. Sousa Brito, administrador de "O Século", pediu à Redacção quinze minutos "para repensar"...

Pouco depois, a administração de "O Século" recuava sobre as suas decisões e mantinha Manuel Magro no seu cargo.

A solidariedade entre

jornalistas e a concentração de vontades em torno do que deva ser a verdade na informação triunfava sobre inexplicáveis atropelos que estão a verificar-se na Informação nacional em nome sabemos de quem ou de quê — ou sabemos demasiado...

No mesmo processo, o da divulgação de um facto óbvio e do conhecimento geral (um cidadão que escreve um livro em que i. crimina membros do governo, do PS e do PCP, da autoria moral do assassino de Humberto Delgado) também "O Dia" seria atingido. Não concordando com os termos em que idêntica notícia foi publicada neste jornal, o prof. Vitorino Nemésio fez graves acusações à sua Redacção e, criando um conflito para o qual não contribuímos, pediu a demissão do seu cargo no jornal que ajudara a criar.

Declarações de Holden Roberto

Após um silêncio de muitos meses, durante o qual o seu paradeiro esteve envolvido num certo mistério e sujeito a especulações, Holden Roberto, dirigente da Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), cujas forças se bateram, conjuntamente com a UNITA, de Jonas Savimbi, contra as tropas do MPLA e os seus aliados cubanos durante a guerra civil de Angola, acabando por recuar perante a superioridade numérica e os sofisticados armamentos fornecidos pelos soviéticos e usados pelos soldados que apoiavam Agosti-

nho Neto, acaba de fazer uma declaração, em Bruxelas, da qual sublinha:

"O Governo do Movimento Popular de Libertação de Angola apenas com o auxílio dos cubanos se mantém nas grandes cidades da costa e sobre uma faixa estreita que acompanha a linha do caminho de ferro, que de Luanda, a capital, se dirige para Malange, no centro do país. Os soldados cubanos são hoje em número de trinta mil. A Imprensa ocidental ignora que eles chegam agora a Angola vestidos à civil, para desviar a atenção dos observado-

res ocidentais. A sua maior preocupação é a pilhagem sistemática".

Depois de se ter referido à repressão que vigora em Luanda, com o auxílio dos cubanos, que, segundo afirma, abriram dois campos de concentração, Holden Roberto afirmou ainda que a FNLA controla, por si só, no Norte, Nordeste e Centro de Angola, uma zona muito maior do que a França, tendo por base a região tradicional de guerrilha.

Evocando com amargura a "conspiração universal do si-

lêncio" perante o problema angolano, Holden Roberto assegurou que dois terços da população estão ao lado da resistência actual, apesar das represálias.

Referindo-se, em seguida à nova estrutura político-militar adoptada pelo FNLA, após o congresso extraordinário do partido, na primeira quinzena de Março, em território angolano, Holden Roberto indicou que o fim da FNLA é o de obter eleições livres para o que o povo angolano possa escolher os seus dirigentes.

Quem desestabiliza?

Continuação da pág. 1

incluem títulos definitivos do tipo "golpe socialista passava pelo CR", etc... Quanto sabem estes senhores! Mas, principalmente, de quanta manipulação são estes senhores capazes! Denunciando a existência de factores de desestabilização, são eles, afinal, quem mais desestabiliza, quem mais confunde, quem mais atrasa a resolução dos problemas do Povo português!

Há sinais preocupantes nas Forças Armadas? Parece que sim. Doutra forma não se compreenderia a campanha sistemática dirigida contra o brigadeiro Pires Veloso, nem os esforços manifestos de certa extrema-esquerda para (ingloriamente) ganhar para si o Presidente da República. Estes esforços revestem, por vezes, o tom de viriosa auto-crítica. Cito, de um jornal da extrema-esquerda: "Teria sido importante (...) não rotular os apoios de Eanes, em bloco, sob um bigode hitleriano (...). Pensamos que a tendência da esquerda para o esquematismo (...) não será tanto de atribuir a um qualquer primarismo congénito ou a falta de informação, mas antes a obstrução ideológica (...); E, mais adiante, o articulista confessa que, entre outras, as consequências dessa "obstrução ideológica", "são as de, gastando um bigode hitleriano com Eanes, se ficão sem adjectivo (ou bigode) bastante para Pires Veloso." Lendo isto, quase se ficaria com a ideia de que o Comandante da Região Militar do Norte passa o tempo a fazer declarações públicas ou a pronunciar-se sobre a vida política do País, o que é exactamente o contrário do que acontece. Que conclusão poderemos tirar? Só uma: há quem esteja profundamente empenhado em dificultar a política seguida, desde 25 de Novembro, pelo então chefe de Estado Maior de Exército e actual chefe de Estado Maior general das Forças Armadas, no que diz respeito à disciplina, coesão e profissionalismo dos militares.

É fácil descobrir quem são esses "interessados". Basta ver a sua prática e os seus jornais. Cobrindo certos sectores da esquerda e da extrema-esquerda e contando, certamente, com os seus inspiados ou "apoios", dentro das próprias Forças Armadas, esses senhores pretendem provocar exactamente aquilo que "denunciam". O seu objectivo é simples e obedece à técnica do "ir-e-voltar": atacar Pires Veloso para que Pires Veloso se defenda; aproveitar a defesa de Pires Veloso para o acusar dos actos associados a essa defesa; meter no mesmo saco (isto é, dos que "defendem" Veloso) todos quantos, no plano civil ou militar, interesse "abater"; "salvaguardar" Eanes para que ele possa ser um eventual "cúmplice" (se

não "aliado") em toda a operação. Objectivo final: instrumentalizar o Presidente da República com o fim de se ganhar o próprio poder político. Que gente! Só escudem o seguinte:

1. — O brigadeiro Pires Veloso não parece deixar-se ir nesse "jogo";

2. — O general Ramalho Eanes mantém-se frio e sereno, o que demonstra uma profunda compreensão das "grandes manobras" em curso.

Não negarei que haja algumas pessoas (civis ou militares) que, entretanto, se deixam enganar pelo "isco" que lhes é lançado. O que, realmente, é espantoso. Será que ainda não meditaram em tantos factos fundamentais, desta natureza, que ocorreram durante os últimos dois anos?

Só há uma atitude correcta da parte dos partidos políticos democráticos e responsáveis compatível com os sucessivos lançamentos de "cascas-de-banana" por grupos ou pessoas antidemocráticas: não pôr o pé onde o terreno nunca pode ser firme, isto é:

1. — Deixar aos militares o cuidado de resolver os seus próprios problemas;

2. — Não "usar" os militares para a resolução dos problemas políticos do País;

3. — Pedir aos responsáveis que informem regularmente o País, a fim de se contiarem as tendências especulativas. A verdade é que estamos todos fartos destas intrigas que, ao fim e ao cabo, apenas servem para desviar a atenção das graves questões com que os portugueses — sobretudo os mais desfavorecidos — se vão defrontando.

Neste quadro, objectivamente desestabilizador, promovido por alguma esquerda e extrema-esquerda, surgem, entretanto, novos elementos, de carácter político, cujo exacto significado interessaria analisar: a "abertura" de Octávio Pato (PCP) à reentrada do PSD no Governo, ao lado dos comunistas; o inexplicável e rude ataque de Jaime Gama (PS) ao secretário-geral do PSD; o súbito envio de telegramas à Assembleia da República, por parte de sindicatos, a propósito de António de Spínola, em coincidência com um artigo publicado num semanário da extrema-esquerda pretendendo relacionar o antigo Presidente da República à questão dos oficiais milicianos, etc. Novos pontos de meditação...

Adelino Amaro da Costa

Nota — No último artigo, publicado em 20-10-76 e intitulado "Eanes e Veloso", onde, na página 20, se lê "variam este eixo", deve ler-se "usariam este erro".

Violência em S. João da Madeira

A greve desencadeada, anteontem, pelos trabalhadores da indústria do calçado (que nos distritos de Coimbra e Aveiro teve uma anuência maioritária, segundo elementos sindicais, e no distrito do Porto foi boicotada, através dos delegados dos operários, mantendo-se num normal funcionamento em todas as fábricas) está já a provocar incidentes graves no seio dos próprios trabalhadores.

Em S. João da Madeira, localidade laborista onde se concentram as mais importantes fábricas de calçado do país, a maior parte dos trabalhadores apresentou-se ontem nos respectivos locais de trabalho a fim de iniciar, normalmente, a sua actividade. Porém, alguns

operários, capitaneados por alguns dirigentes dos piquetes de greve, resolveram fazer aceitar, por meios violentos a greve, obrigaram, até com esforços físicos, os companheiros a abandonar as fábricas, o que sucedeu em elevado número.

Assim, a informação sindical de que no distrito de Aveiro se aderiu inteiramente à greve não está correcta, porquanto, no caso específico de S. João da Madeira, que pertence àquele distrito, o grosso dos operários só através de sevicias várias capitulou.

Há conhecimento de numerosos recontros havidos, no decurso do dia de ontem, entre os elementos das duas facções contando-se inclusivamente alguns feridos

em consequência das fregas.

A desocupação dos locais de trabalho dos operários renitentes e que, frontalmente, pretenderam boicotar a greve, por a considerarem injustificada, começou com o apedrejamento de inúmeras janelas dos edifícios das oficinas, seguido de arrombamento de portas e arremesso de muito material do officio para as ruas por parte dos invasores. Parte do material, ficou danificado, o que ocasionou enormes prejuizos de ordem material.

Piquetes grevistas, ao longo da noite, fizeram guarda às fábricas, a fim de impedir que, hoje de manhã, os operários não aderentes retomem o trabalho.